



IMPERIALISMO INFORMAL E CAPITALISMO FIDALGO: APOGEU E CRISE DA ORDEM INTERNACIONAL BRITÂNICA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA



Bolsista: Bruna Prior Ferreira (brunaprior@gmail.com)

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti (eduardomariutti@gmail.com)

Agência Financiadora: Serviço de Apoio ao Estudante - SAE

Palavras-Chave: Imperialismo - História econômica - Alta finança

Introdução

O objetivo geral deste projeto de pesquisa foi compreender a peculiaridade do chamado *Imperialismo do Comércio Livre*, com base, prioritariamente, na obra de Peter Cain e A.G. Hopkins, ressaltando a conexão entre as transformações no interior da sociedade britânica (a ascensão dos *capitalistas fidalgos* na City e sua capacidade de comando sobre os interesses industriais) e na estrutura do comércio mundial: a ampla rede de trocas que articulava a Europa e as Américas.

A idéia básica foi reconstituir o processo a preponderância dos *capitalistas-fidalgos* na City Londrina, homens com ascendência nobiliárquica que, além de preservar os símbolos de status da “velha sociedade”, freqüentavam o restrito círculo dos realmente ricos e poderosos. Tal concatenação se concretizava mediante a política de financiamento do comércio internacional como meio de perpetuar a primazia industrial britânica. Foi o fracasso desta articulação que abriu caminho para a eclosão da corrida imperialista que resultou na eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Metodologia

As atividades envolveram leituras e discussões com o orientador que abarcavam os fundamentos teóricos gerais necessários a compreensão dos argumentos de Cain & Hopkins.

Resultados e discussão

Cain & Hopkins problematizam a questão do imperialismo britânico nos séculos XIX-XX enfatizando a importância do setor de serviços, considerando-o fundamental para entender a natureza peculiar da expansão ultramarina da Grã-Bretanha. Para isso constroem uma linha de argumentação que se baseia na evolução do que denominam “capitalismo fidalgo”. Essa abordagem é diferenciada por dois motivos interligados: i) por focar a ascensão dos serviços (financeiros prioritariamente), ao invés do declínio da indústria na interpretação do desempenho econômico britânico na Era Vitoriana e suas ambições imperiais; ii) dar muito mais ênfase ao império informal do que à dominação política direta.

Um dos fatores-chave no desenvolvimento da economia de serviços foi o papel da City como centro de serviços internacionais do mundo, posição assumida devido ao livre-comércio e a importância da libra, o outro era o pesado investimento estrangeiro, que foi canalizado através da cidade principalmente após 1850. Com base nessas considerações, as atividades na City Londrina têm importância essencial no que se refere à formulação de políticas econômicas e às relações internacionais da Grã-Bretanha, sendo o lócus que proporcionava as ocupações adequadas aos *capitalistas fidalgos*, isto é, elementos oriundos da antiga nobreza, ou quadros oriundos da burguesia que se enobreceram, adentrando informalmente nas redes sociais dos notáveis ou, então, mediante a obtenção do título de *gentleman*, dotado pela Coroa.

O imperialismo britânico deve ser entendido, a partir dessa perspectiva, de forma diferenciada: o foco não pode ser a ocupação formal que, na realidade denota sua crise. Na verdade, por imperialismo devemos entender um método através do qual a elite passou a prosperar e se fortalecer continuamente mediante uma projeção indireta ao exterior. Nos termos dos autores: o capitalismo fidalgo manifestava-se além dos limites da Grã-Bretanha através da expansão do império informal. Nesse sentido, a missão imperial se caracterizaria como a exportação de uma versão da ordem fidalga, um esforço de recriar no estrangeiro a hierarquia com a qual já se familiarizavam, incorporando, de forma subordinada, as elites locais e orientando-as ao sistema de trocas britânico. O foco da Grã-Bretanha era criar um sistema internacional de trocas centrado em Londres e mediado pela libra, com base no princípio do livre-comércio.

Na formulação de políticas econômicas britânicas, preferencialmente optava-se por um sistema de livre comércio e investimento, sempre que possível fazendo uso de instrumentos de dominação à maneira informal, isto é, através a cooptação das elites locais nos territórios de interesse econômico ou estratégico. Era nesse tipo de expansão imperial que residia a vitalidade da economia britânica, pois essa prática possibilitava um império mais vasto, mais lucrativo e livre do ônus correspondente ao controle formal dos territórios. A defesa e a manutenção da ordem eram

tarefas que cabiam às próprias elites locais, que atuavam como mediadores entre a Grã-Bretanha e o restante de sua própria sociedade. A prática do livre-comércio permitiu à Grã-Bretanha propagar seu dinamismo às nações com as quais estabelecia relações econômicas, uma vez que o livre acesso ao mercado mundial abria novas possibilidades de expansão econômica. Com a crescente liberalização do comércio internacional, reforçaram-se ainda mais a importância dos serviços britânicos no âmbito mundial.

No final do século XIX, a Grande Depressão (1873-1896) delineou a fase de transição do capitalismo concorrencial ao capitalismo monopolista. Este período foi marcado por um quadro de deflação e queda geral da rentabilidade dos empreendimentos capitalistas, não obstante ao concomitante e significativo aumento da produção mundial. Ao contexto deflacionário seguiu-se a intensificação da concorrência internacional, de forma que as economias de industrialização recente tenderam a inovar, não só tecnologicamente, mas também em termos financeiros e organizacionais, além de desenvolverem políticas de proteção econômica associadas à expansão de suas áreas de influência.

A antiga rede de relações centradas em Londres passou a ceder lugar a uma pluralidade de economias nacionais rivais. A profusão de novos centros econômicos desafiava a supremacia britânica, que buscava se sustentar a partir da força de suas finanças, de seu império e de sua marinha, enquanto países como Estados Unidos e Alemanha progressivamente tomavam a dianteira na produção industrial. Para a economia britânica era imprescindível a manutenção de suas zonas de influência, fundamentadas no imperialismo informal, porém a conjuntura do capitalismo mundial não ofereceria essa possibilidade devido à escalada protecionista e o retraimento da economia de livre-concorrência. Os alicerces da *Pax Britannica* ruíam em um processo de deterioração que se mostraria irreversível, conduzindo o mundo à rivalidade e à expansão imperialista, frente a qual a diplomacia britânica teria de ser alterada em seu ponto estratégico essencial, o domínio informal, desestruturando-se assim as bases do capitalismo fidalgo.

Conclusão

A discussão sobre a evolução da economia britânica não pode prescindir da análise da relação simbiótica entre a economia doméstica e suas ramificações imperiais: isto é, o capitalismo fidalgo foi sendo continuamente reproduzido mediante o imperialismo informal. Este padrão tem reflexos importantes no exterior: a cooptação das elites dos países exportadores de matérias primas e alimentos que conquistaram seus respectivos Estados após o ciclo de Independências do século XIX. Sem este elo, seria impossível gestar o mecanismo de complementaridade restrita que sustentava a ordem britânica e o equilíbrio de poder europeu: uma mescla de interesses comerciais e financeiros entrelaçando sociedades distintas, que, por conta exatamente deste tipo de interação, tendia progressivamente à homogeneidade.

O declínio da Hegemonia Britânica foi concomitante ao acirramento da rivalidade internacional, fato que desencadeou a corrida imperialista responsável pela eclosão da Primeira Guerra Mundial: a simbiose entre a lógica do estado e do capital nacional gerou uma corrida armamentista generalizada, pautada pela aquisição de novos territórios pelas potências Europeias e pelo reforço do nacionalismo. Os EUA se posicionaram nas Américas, expandindo suas fronteiras até o Pacífico e, simultaneamente, elevando a sua participação no Caribe (Guerra Hispano-Americana) e ocupando posições próximas à Eurásia. A rivalidade das potências Europeias se concentrou, sobretudo, na África e se projetou, por fim à Ásia, fato que colocou em contato todos os países expansionistas. Esta conformação rompeu as amarras do comércio internacional, que sustentava a paz.

Referências bibliográficas

CAIN, P. J. & A. G. HOPKINS. **British imperialism, 1688-2000**. 2nd ed. Harlow, England; New York: Longman, 2002.